

Universidade do meio ambiente em Mauá

Parque da Gruta de Santa Luzia, nascente do Tamanduateí, é o local escolhido por se tratar de santuário ecológico da Mata Atlântica

Márcio Venciguerra
de Mauá

A Sama, autarquia de saneamento básico de Mauá, contratou um projeto para transformar o parque da Gruta de Santa Luzia, onde fica a nascente do rio Tamanduateí, numa universidade livre do meio ambiente. A área de 484 mil metros quadrados é um importante remanescente de Mata Atlântica no ABC, pólo de atração deromeiros católicos e antiga pedreira no início do século.

“O plano é modulado, de modo que poderemos instalar os laboratórios em fases, na medida em que conseguirmos recursos públicos ou parcerias com a iniciativa privada”, diz Márcio Chaves Pires, superintendente da Sama. Alguns trabalhos, como as cercas de arame farpado, já estão sendo feitos. Concluídas as obras, o parque será administrado por uma fundação, como a Unilivre de Curitiba, que inspira o projeto. “Tivemos reuniões com empresários da região, especialmente os do Pólo Petroquímico de Capuava, que demonstraram interesse em participar”, conta Pires.

O projeto inicial era criar um plano piloto com um custo em torno de R\$ 1,3 milhão. “Nós acrescentamos algumas coisas, mas não iremos superar R\$ 2 milhões”, diz a arquiteta Terezinha de Oliveira Gonzaga, da organização não governamental Grupo Técnico de Apoio (GTA), especializado em planejar a recuperação ambiental de áreas degradadas, como favelas. O GTA fez um levantamento topográfico da vegetação e de fauna para dividir o terreno em quatro quadras áreas.

A mata terá poucas intervenções: cercas para impedir invasões e vandalismo, lajotas na trilha para permitir eventos noturnos nos pontos turísticos, como a gruta e o anfiteatro em torno da Pedra do Amor. Ha-

verá iluminação de percurso próxima ao chão, além de cênica, como holofotes sobre as pedras e árvores de destaque.

No local onde hoje há eucaliptos haverá estufas para o viveiro de plantas e um orquidário. “Vamos colocar playground, quadras poliesportivas e local para piqueniques na área desmatada perto da entrada”, diz Terezinha. E, no espaço onde hoje ficam o viveiro e a sede atual do parque, serão construídos o prédio principal e jardins temáticos. Logo na entrada principal, o brejo, que recolhe as águas das quatro nascentes, será criado um jardim de flores naturais de várzeas, como iris e amarilis. O campo de futebol será um recanto para aulas de Tai Chi Chuam e outros esportes que impliquem tranquilidade e concentração.

Uma das fontes será aproveitada para formar o curso d'água de um jardim japonês. “As águas serão unidas em um córrego que passará pelo prédio principal, para que o visitante tenha noção da força e do volume que brota da terra”, diz Terezinha Gonzaga.

O teto do prédio de dois andares será ajardinado e acompanhará a curva do terreno. Desta forma, ao entrar no parque, o visitante verá apenas a torre, da altura de um edifício de cinco andares, onde começa a visitação. “No alto, haverá um mirante com capacidade para cerca de 30 pessoas e equipamentos de vídeo”, planeja Terezinha. A idéia da equipe do GTA é começar a visita pelo mirante, para que o público tenha uma idéia do tamanho da área a ser visitada.

Um aspecto interessante do projeto é a ausência de lixeiras. Ao invés delas, a administração do parque distribuirá sacolinhas plásticas para recolhimento de detritos. “No final, vamos ensinar a separar o material reciclável e orgânico para mostrar a necessidade da coleta seletiva”, comenta Terezinha. O público inicial



■ Parque da Gruta de Santa Luzia (acima), área de 484 mil m2, de Mata Atlântica; entre as riquezas da flora local, a bromélia (dir.), que armazena águas da chuva, um “reservatório” vital para os pássaros da mata



será constituído de alunos de escolas de primeiro e segundo grau e grupos da terceira idade que já fazem visitas, acompanhados de monitores da prefeitura. “Mas, após a instalação dos laboratórios e outros equipamentos didáticos, o parque se transformará numa referência para a Grande São Paulo”, prevê a secretária do Planejamento de Mauá, Josiene Francisco.

A arquiteta da Prefeitura de Mauá, Mariângela Portela, diz que os prédios serão de concreto e com muito vidro para deixar a paisagem bem à mostra. “Não vamos usar madeiras e outros truques para esconder o prédio no morro”, diz Mariângela. Segundo ela, as construções feitas pelo homem, inclusive as placas e monumentos, serão facilmente identificá-

veis e coloridas. “Já a mata será intocada, sem postes de iluminação, para deixar que a noite caia e os animais e plantas descansem”, conta Mariângela.

Além de lanchonetes e áreas de convivência, o prédio principal concentrará laboratórios didáticos. Na Casa das Águas, por exemplo, haverá modelos que mostram o ciclo das águas, com evaporação e chuva, e os métodos de tratamento da água pública. “O visitante perceberá o custo de produ-

zir água tratada e como é importante o uso racional dos recursos naturais”, diz a arquiteta. O prédio também terá auditório e salão de exposições para sediar eventos e cursos.

O engenheiro agrônomo do Departamento de Parques e Jardins de Mauá, Antonio Maria Claret

Sant'Ana, trabalha há 20 anos na Gruta. Ele é o responsável pelo viveiro de plantas ornamentais e árvores, que produz dez mil mudas por mês, usadas nos jardins de Mauá ou doadas a interessados. “Já fiz ginças ecológicas com 15 mil crianças no parque”, conta Sant'Ana. Os passeios que ele orienta atualmente serão parecidos com as visitas monitoradas à mata no futuro. Ao passear pela alameda, o monitor irá mostrar as bromélias nas árvores e falar da necessidade de elas permanecerem ali.

“Hoje, há invasores do parque e de outras reservas de Mata Atlântica, que roubam as plantas para enfeitar a sala de casa”, critica. Segundo o agrônomo, as bromélias são vitais para sustentar os insetos e pássaros da mata, porque guardam a água da chuva em suas folhas. “Inconscientemente, a pessoa leva plantas para o jardim e provoca a extinção de espécies”, comenta Sant'Ana.

Outro exemplo, é a retirada dos xaxins, espécie de samambaias de tronco fibroso que são usados para a confecção de vasos — o que hoje é proibido por lei. A extração foi tão intensa que levou os xaxins à beira da extinção. “Ninguém pode plantar xaxins porque ele só pode crescer em uma mata fechada, protegido do sol forte pelas árvores mais altas”, explica o agrônomo.

Os brotos dos xaxins são o alimento preferido dos macacos da Mata Atlântica, como os saguis e micos. “Quem elimina os animais não são só os caçadores, mas quem

destrói o ambiente”, conta o agrônomo. A fauna do Parque da Gruta também é bastante rica: saguis, esquilos, várias espécies de pássaros, roedores etc. O projeto pretende incluir também espécies vegetais e animais ameaçados de extinção.

Segundo Sant'Ana, os visitantes irão aprender a reconhecer os parasitas de cascas de árvores que só existem onde o ar é puro. “Os líquens são frágeis e não resistem à fumaça das ruas; os troncos com a coloração avermelhada são sinais de ambiente preservado”.

Em seus 20 anos de prefeitura, Sant'Ana já se desesperou com a série de projetos de prefeitos anteriores para o Parque da Gruta. “Uma vez fizeram um show do Eli Correa para 30 mil pessoas que arrebentou com as plantas”, conta. Para ele, a presença humana na reserva deve ser contemplativa para não espantar

os animais. Um dos resultados da política anterior são as churrasqueiras espalhadas ao longo da trilha, que serão retiradas.

Um dos projetos que assustou Sant'Ana foi a idéia de construir uma grande catedral católica para trazer os romeiros que já visitam a gruta. Segundo a lenda, no tempo em que o parque era uma pedreira, um operário sofreu um acidente e feriu os olhos. Ao lavá-los, nas águas da nascente do Tamanduateí, o ferimento desapareceu. Hoje, os romeiros costumam lavar os olhos, beber a água e até levar garrafas-plásticas do “produto milagroso” para casa. ■

